

Lição 02

14 de Julho de 2024



COMO VIVEREMOS NA BABILÔNIA



FERRAMENTA EBD

3º TRIMESTRE 2024 | JOVENS

Murilo Alencar

Esboço Da Lição 02

Do 3º Trimestre

De 2024

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

NA COVA DOS LEÕES

O Exemplo de Fé e Coragem de Daniel Para o Testemunho Cristão para os Nossos Dias

Domingo, 14 de julho de 2024

COMO VIVEREMOS NA BABILÔNIA

O QUE VAMOS ESTUDAR?

Nesta segunda lição, temos a oportunidade de nos aprofundar na imponente cidade da Babilônia, explorando suas características culturais e simbologia bíblica. Juntos, analisaremos como a experiência dos jovens hebreus, liderados por Daniel, oferece uma luz orientadora para os desafios que enfrentamos em nossa sociedade em constante transformação, na qual devemos habitar e testemunhar.

- **TEXTO PRINCIPAL**

Trabalhem para o bem da cidade para onde eu os mandei como prisioneiros. Orem a mim, pedindo em favor dela, pois, se ela estiver bem, vocês também estarão. (Jr 29.7 NTLH).

Esse texto faz parte de uma carta que Jeremias [...] enviou aos cativos da Babilônia, recomendando que se preparassem para uma longa estada e advertindo-os de não dar ouvidos aos falsos profetas e adivinhos. Os falsos profetas estavam afirmando que o Senhor iria intervir e o exílio terminaria. Mas Jeremias, contrariando essas predições, afirma que o cativo duraria 70 anos. Portanto, os exiliados deveriam buscar o bem da terra, para que vivessem bem nela.

- **RESUMO DA LIÇÃO**

O crente fiel pode habitar na Babilônia, mas a cultura da Babilônia não pode ter domínio sobre ele.

- O Crente Fiel:** Um Estrangeiro na Babilônia. O crente fiel, embora viva no mundo, não pertence a ele. Ele é um cidadão do céu, um peregrino em terras distantes. A Babilônia, neste contexto, representa a cultura secular, com seus valores e princípios contrários à fé cristã.
- Resistindo à Dominação Cultural:** A cultura da Babilônia busca exercer domínio sobre todos que a habitam. Seus valores de materialismo, hedonismo e individualismo podem ser

extremamente atraentes, especialmente em um mundo que valoriza a aparência e o sucesso acima de tudo. No entanto, o crente fiel deve resistir à tentação de se conformar à cultura secular.

- c. **Testemunhando a Luz de Cristo:** Embora vivendo na Babilônia, o crente fiel não deve se esconder. Ele é chamado a ser luz no meio das trevas, testemunhando o amor e a graça de Deus através de suas palavras e ações. A vida íntegra do crente pode ser um farol de esperança para aqueles que estão perdidos na escuridão do mundo.

INTRODUÇÃO

A LIÇÃO DIZ: *Ao chegarem a Babilônia, os jovens hebreus se depararam com um mundo novo e uma cultura completamente distinta de sua terra natal. Dentro desse ambiente, repleto de desafios culturais e morais, como Daniel e seus amigos deveriam viver?*

O livro de Daniel começa com uma crise. Nabucodonosor, o rei do poderoso império centrado na Babilônia, ou “Sinar” (v. 2), havia sitiado Jerusalém, a capital de Judá, a terra que Deus havia prometido a seu povo e na qual os havia protegido (v. 1). Desta vez, não houve nenhum resgate; o Senhor entregou Jeoaquim, o rei de Judá, nas mãos de Nabucodonosor (v. 2); a cidade e a nação caíram. Além disso, “alguns dos utensílios da casa de Deus”, o Templo de Jerusalém, também foram levados por Nabucodonosor. Os centros dinásticos e religiosos de Judá foram erradicados. E não para por aí: a severidade do espólio estende-se não apenas aos objetos preciosos acrescentados aos cofres religiosos da Babilônia, mas também inclui os melhores e mais brilhantes jovens de Judá.

O primeiro capítulo de Daniel refere-se à inserção de Daniel e seus três amigos na situação de cativos na Babilônia. Apresenta mais particularmente uma escolha crítica e difícil que os confrontou nessa inserção, a decisão louvável deles com respeito a isso, e a consequente bênção de Deus sobre eles. Para fornecer o contexto dessa história, o capítulo começa narrando o ataque de Nabucodonosor a Jerusalém, exigindo sua rendição. Vamos considerar os três primeiros versículos mais detalhadamente nos pontos e subpontos a seguir.

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?

Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos

Infográficos e fluxogramas?

Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio

ao professor da EBD

I. A CHEGADA DE DANIEL E SEUS AMIGOS NA BABILÔNIA

1.1 Deportados para uma terra estranha.

A LIÇÃO DIZ: *Os judeus foram deportados para o exílio babilônio em três levas (605, 597 e 586 a.C).*

O texto bíblico nos diz:

No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém e a sitiou. E o Senhor entregou Jeoaquim, rei de Judá, nas suas mãos, e também alguns dos utensílios do templo de Deus. Ele levou os utensílios para o templo do seu deus na terra de Sinear e os colocou na casa do tesouro do seu deus. (Dn 1.1,2 NVI).

Contexto Histórico

Dezenove reis governaram Judá até sua queda sob a Babilônia em 586 a.C. — um período total de 345 anos. Oito dos dezenove reis são chamados bons, e onze, maus. Jeoaquim foi um desses últimos.

Nos anos 608 a 597 a.C., reinava em Jerusalém Jeoaquim, que havia sido empossado por Neco, faraó do Egito (2Rs 23.34). Naqueles dias, duas nações lutavam pelo domínio da região: a Assíria e o Egito. Neco, rei do Egito, subira para batalhar contra o rei da Assíria (2Rs 23.29). Josias, rei de Judá, temendo pela segurança de seu reino, achou melhor atacar o exército egípcio, mas morreu na batalha de Carquemis, em 608 a.C. Neco, que agora estava com todos os trunfos na mão, destituiu a Jeoacaz, filho de Josias, quando este havia reinado apenas três meses, impôs pesado tributo a Judá, e constituiu rei a Jeoaquim, irmão do deposto Jeoacaz (2Rs 23.31–35). O castigo de Deus foi retardado, mas não evitado (2Rs 23.26,27).

Jeoquim foi um rei ímpio. Seu pai Josias rasgou suas roupas em sinal de contrição e arrependimento. Ao contrário, Jeoaquim rasgou e queimou o rolo da Palavra de Deus que continha as mensagens do profeta Jeremias e mandou prender o mensageiro (Jr 36.20–26).

Jeoquim era também assassino. Porque as mensagens do profeta Urias eram contrárias aos seus interesses, ele mandou matá-lo. Urias fugiu para o Egito, mas Jeoaquim mandou sequestrá-lo. Ele foi trazido à sua presença e morto à espada (Jr 26.20–23).

No ano 606 a.C., novos acontecimentos vieram modificar o cenário político-militar da conturbada região. Uma vitória de Nabucodonozor, rei da Babilônia, sobre o faraó Neco, consolidou a Babilônia como nova potência mundial em ascensão.

O Egito e a Assíria haviam disputado o predomínio, mas a luta enfraquecera a ambos. Assim, a Babilônia foi quem mais ganhou com essas brigas. Quando dois cães brigam por um osso, pode aparecer um terceiro e levá-lo com a maior facilidade.

Nabucodonozor fez três incursões sobre Jerusalém: em 606 a.C., levou os nobres (dentre eles Daniel) e os vasos do templo. Em 597 a.C., noutra incursão, levou mais cativos. O rei Jeoaquim rendeu-se sem resistência. Nesse tempo, também, foi ao cativeiro o profeta Ezequiel (2Rs 24.8). Em 586 a.C., após dezoito meses de sítio, os exércitos do rei da Babilônia saquearam a cidade de Jerusalém. Arrasaram-na totalmente, destruindo também o templo. O rei Zedequias foi capturado quando tentava fugir e levado à presença de Nabucodonozor. Seus filhos foram mortos em sua presença, seus olhos foram vazados, e ele levado cativo para a Babilônia com o seu povo (2Rs 25).

Voltando a primeira incursão.

Fazendo uma digressão na história contada até aqui, (voltando a primeira incursão dos babilônicos contra a nação de Judá) tomamos nota de que esse ataque a Jerusalém está mencionado tanto em 2 Reis 24.1 quanto 2 Crônicas 36.6–7. A primeira passagem afirma que Jeoaquim, então, tornou-se servo de Nabucodonosor por três anos, antes de se rebelar; a segunda, que Jeoaquim foi, naquela ocasião, preso com grilhões para ser transportado para Babilônia, e também que Nabucodonosor levou os utensílios sagrados do Templo para o seu país, conforme mencionado em Daniel 1.2. Jeoaquim não foi de fato levado para Babilônia, pois ele continuou a reinar em Jerusalém por outros sete anos. Aparentemente ele foi preso e então liberto, talvez por ceder às exigências de Nabucodonosor. Uma vez que nenhuma luta é mencionada, provavelmente somente uma resistência simbólica foi feita, com os judeus reconhecendo a sensatez de uma capitulação pacífica.

Quem foi Nabucodonosor?

Nabucodonosor, rei da Babilônia: Em Jeremias e Ezequiel, esse nome é escrito “Nebuchadrezzar”; na Babilônia, é Nabu-kudurri-usur. Filho de Nabopolassar, esse regente babilônico foi um dos grandes reis dos tempos antigos. Seu reinado de 43 anos (605–562 a.C.) marcou a vigência da glória babilônica durante o período neobabilônico. Ele foi extraordinário como estrategista, estadista e construtor.

A soberania de Deus.

O *Senhor*. Esse é o nome hebraico Adonai; não Yahweh (Jeová), que ocorre somente no capítulo nove. Adonai refere-se a Deus como o Senhor supremo. O significado de usar esse nome aqui é para dizer que, embora sinais exteriores não pareciam mostrar, Deus era o Senhor daquela situação, enquanto Jeoaquim foi entregue na mão de Nabucodonosor. Não foi a força de Nabucodonosor nem a fraqueza de Jeoaquim que realmente decidiram a questão, mas sim o desejo de Deus. Os reis gostam de pensar que são suficientes como regentes, mas eles estão sob o controle supremo de Deus tanto quanto qualquer pessoa. Há conforto em saber que nenhuma autoridade governamental pode ir além dos limites permitidos por Deus.

1.2 Jovem Daniel e seus companheiros.

A LIÇÃO DIZ: *Daniel fazia parte desse grupo, juntamente com Hananias, Misael e Azarias. Daniel descendia de uma família da aristocracia, talvez até mesmo pertencesse à linhagem real de Judá. Nessa época, tinha provavelmente entre quatorze e dezoito anos de idade. Você pode imaginar o que se passava na cabeça desses jovens? todavia, não deixaram se abater pelas circunstâncias da sua vida.*

O Bíblia diz:

Depois o rei ordenou a Aspenaz, o chefe dos oficiais da sua corte, que trouxesse alguns dos israelitas da família real e da nobreza: Entre esses estavam alguns que vieram de Judá: Daniel, Hananias, Misael e Azarias. (Dn 1.3,6 NVI).

De acordo com Josefo, Daniel e seus três amigos eram membros da família real de Zedequias, mas isso permanece incerto.

Observemos alguns aspectos do drama envolvendo Daniel e seus amigos:

Em primeiro lugar, no meio de uma geração que se corrompia, Daniel e seus amigos possuíam valores absolutos. Eles eram adolescentes, mas conheciam a Deus. Eram ainda jovens, mas sabiam o que era certo e errado. Estavam no alvorecer da vida, mas não se misturaram com aqueles que se entregavam ao relativismo moral. Eles viveram no meio de uma geração que estava colhendo o resultado de seus próprios pecados (Dn 1.2). Jerusalém ficara intacta na primeira invasão, mas o templo fora saqueado. Isso não foi por acidente. Por muito tempo, os judeus haviam confiado no templo, e não no Senhor (Jr 7.7). Achavam que enquanto tivessem o templo estariam a salvo. Mas o templo não os salvou. Uma religião sem vida não nos salvará. Confiar no templo não era um substituto para o

arrependimento. Deus reina, quer Seu templo exista, quer não. A invasão da Babilônia, o saque do templo, os tesouros transportados foram obra de Deus. O povo estava sendo derrotado, mas Deus era vitorioso.

Em segundo lugar, no meio de tragédias terríveis, Daniel e seus amigos não deixaram que seus corações azedassem. Eles tiveram muitas perdas. Perderam a nacionalidade. Foram arrancados de sua Pátria e de seu lar. Perderam suas famílias, foram arrancados dos braços de seus pais, de seus amigos, de seus vizinhos. Eles foram agredidos, violentados em seus direitos mais sagrados.

- a. Eles perderam liberdade. Saíram de casa não como estudantes, mas como escravos.
- b. Eles perderam a sua religião. O país foi invadido, a cidade foi arrasada e o templo do Senhor foi derrubado. O povo estava debaixo de opróbrio. Daniel e seus amigos estavam agora longe de casa, em um país estranho, com uma língua desconhecida, sem a Palavra de Deus nas mãos, sem o templo, sem sacerdotes e sem os rituais do culto.

Daniel e seus amigos, a despeito de tantas perdas, não deixaram seus corações serem envenenados pela mágoa. Em vez de buscarem a vingança contra seus inimigos, procuraram ser instrumentos de Deus na vida daqueles. Eles não foram jovens influenciados, mas sim influenciadores. As pessoas que foram levadas cativas entregaram-se à depressão, nostalgia, choro, desânimo, amargura e ódio (Sl 137). Daniel e seus amigos escolheram ser luz e testemunhas de Deus em terra estranha. Não é o que as pessoas nos fazem que importa, mas sim como reagimos a isso.

No meio de uma cultura sem Deus e sem absolutos morais, Daniel e seus amigos não se corromperam. Foram levados para a Babilônia, uma terra dominada pela idolatria. Foram forçados a viver em meio a um panteão de divindades pagãs, na capital mundial da astrologia e da feitiçaria. Tornaram-se como escravos em uma terra que não conhecia a Deus, onde não havia a Palavra de Deus, nem o temor de Deus, e onde o pecado imperava. Mas, mesmo na cidade das liberdades sem fronteiras, onde o pecado era atraente e fácil, eles se mantiveram íntegros, fiéis e puros diante de Deus e dos homens.

1.3 O sofrimento do justo.

A LIÇÃO DIZ: *A história de Daniel e seus amigos nos faz recordar que os justos podem passar por provações. O sofrimento é uma parte comum da experiência humana e não poupa aqueles que temem ao Senhor.*

Com frequência, acreditamos que uma vida dedicada a Deus nos protegerá de sofrimentos e adversidades. No entanto, a realidade apresentada na Bíblia e na história da Igreja nos ensina o contrário. Crentes devotos, em algum momento, enfrentarão crises e desafios que colocarão à prova sua fé.

Servir a Deus não garante uma vida livre de crises. No entanto, a fé e a confiança em Deus nos permitem enfrentar os desafios com força, esperança e a certeza de que Ele estará conosco a cada passo. As crises, quando enfrentadas com a perspectiva correta, podem se tornar ferramentas para o nosso crescimento espiritual e para a glória de Deus.

Por fim, destaco duas lições práticas:

- Não use circunstâncias como desculpa para infidelidade e abdicação de princípios e valores.
- Em vez de se lamentar, choramingar e murmurar por causa das dificuldades, faça como Daniel e seus amigos: erga a cabeça e faça a diferença

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?

Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos

Infográficos e fluxogramas?

Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio

ao professor da EBD

II. A IMPONENTE BABILÔNIA

2.1 A capital imponente.

A LIÇÃO DIZ: *Babilônia, localizada às margens do rio Eufrates, era uma cidade-estado rica e servia como um importante centro comercial entre o Oriente e o Ocidente. Os jovens possivelmente ficaram admirados com a sua grandiosidade, a maior da época, distante cerca de 1500 quilômetros de Jerusalém. Era fácil alguém ser seduzido por seu luxo e opulência.*

O termo acadiano babli, babilani significa porta dos deuses. A palavra Babilônia era empregada para aludir à cidade que era capital da Babilônia. Ocupava o território que agora é o sul do Iraque. Por associação popular, o termo hebraico *balal* (confusão) (ver Gên. 11.9), foi ligado à Babilônia como o local onde houve essa confusão, causada pela impiedade. Porém as duas palavras (porta dos deuses

e confusão) não são a mesma coisa, exceto no conceito popular. Outros nomes da cidade que surgem nos textos babilônicos, são *tin tir ki*, “vida das árvores” ou “sede da vida”, e *e-ki*, “lugar de canais”.

2.2 A ostentação da cidade.

A LIÇÃO DIZ: *Toda a exuberância das obras arquitetônicas era uma forma de representar o poder do império, Nabucodonosor queria ostentar sua força e riqueza por meio de coisas materiais e de suas realizações, relembrando a fundação original da cidade (Gn 11.1-9).*

Segundo John Lennox:

Nabucodonosor tornou a Babilônia uma cidade única. Quando o historiador grego Heródoto a viu muito mais tarde, em 450 a.C., disse que superava em esplendor qualquer cidade do mundo conhecido. A cidade era, em linhas gerais, aproximadamente retangular com o rio Eufrates cortando a cidade no meio de norte a sul. Vindo do norte com o Eufrate à direita, entrava-se na cidade pela porta espetacularmente bonita chamada pelo nome de um ou outro dos deuses. Essa era a porta de Ishtar. Ishtar (Portadora de Luz) era a deusa da fertilidade, do amor e da guerra, e era a deusa-mãe do céu do panteão babilônico. Havia na cidade um magnífico templo dedicado a seu culto, não muito longe da porta.

Para os padrões da atualidade, Babilônia era uma metrópole que se destacava pelo padrão estético, orientado a imagens e beleza, comparável a metrópoles modernas como Nova Iorque, Tóquio e Dubai, com os seus arranha-céus majestosos, pontes icônicas e designs arquitetônicos arrojados.

Alguns pontos a se destacar:

- **Cidade Monumental.** A própria Babilônia era uma obra de arte, ostentando muralhas imponentes, palácios luxuosos e templos grandiosos. Os Jardins Suspensos da Babilônia, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, simbolizavam a riqueza e o engenho da engenharia babilônica.
- **Comércio e Economia Próspera.** A localização estratégica da Babilônia, às margens do rio Eufrates, facilitava o comércio com diversas regiões, impulsionando a economia local. A cidade era um importante centro de exportação de produtos como têxteis, metais e grãos.
- **Poderio militar.** Os babilônios, renomados por sua proeza militar, dominaram a arte da guerra, utilizando táticas avançadas e armamentos sofisticados.

2.3 Uma cultura pagã.

A LIÇÃO DIZ: *Os babilônios atribuíam grande importância a sua religião. Acreditavam que os deuses governavam todos os aspectos da vida, desde os assuntos cotidianos até os eventos cósmicos. A atmosfera da cidade era impregnada pelo paganismo e politeísmo.*

O grande desenvolvimento da ciência e cultura em Babilônia:

- Berço do Saber. A Babilônia tornou-se um polo intelectual, atraindo estudiosos, escribas e pensadores de todo o mundo antigo. As bibliotecas da cidade, como a lendária Biblioteca de Nabucodonosor, abrigavam vastas coleções de textos sobre diversos assuntos, desde matemática e astronomia até literatura e direito.
- O Código de Hamurabi. Um dos legados mais notáveis da Babilônia é o Código de Hamurabi, promulgado por volta de 1750 a.C. Este conjunto de leis, considerado um dos primeiros códigos jurídicos escritos da história, influenciou profundamente o desenvolvimento do direito em diversas civilizações.
- Avanços Científicos. Os babilônios destacaram-se por suas contribuições à matemática, astronomia e medicina. Desenvolveram um sistema sexagesimal complexo, previram eclipses com precisão e realizaram cirurgias avançadas para a época.

Nos pontos a seguir, destacamos a Cultura Pecaminosa de Babilônia: Aspectos e Práticas.

- Culto a deuses pagãos:
 - a. Politeísmo. Os babilônios praticavam o politeísmo, adorando uma vasta gama de deuses e deusas. Entre os principais estavam Marduk, Ishtar e Shamash.
 - b. Idolatria. A construção de templos e estátuas de deuses era comum, e os babilônios frequentemente ofereciam sacrifícios e ofertas para ganhar favor divino.
- Rituais religiosos controversos:
 - a. Prostituição Sagrada. Em alguns templos, a prostituição sagrada era praticada como parte dos rituais religiosos, onde sacerdotisas se envolviam em atos sexuais como uma forma de adoração e oferenda aos deuses.

- b. Sacrifícios. Além de sacrifícios de animais, alguns registros indicam a prática de sacrifícios humanos em rituais específicos, especialmente durante tempos de crise ou guerra.
- Práticas de Feitiçaria e Magia:
 - a. Magia e Ocultismo. A magia e a astrologia desempenhavam um papel importante na vida cotidiana babilônica. Os babilônios consultavam adivinhos e magos para prever o futuro e realizar encantamentos.
 - b. Astrologia. Eles acreditavam que os movimentos das estrelas e planetas influenciavam a vida na Terra, levando à prática extensiva da astrologia para guiar decisões importantes.

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?

Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos

Infográficos e fluxogramas?

Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio

ao professor da EBD

III. A CULTURA E O ESPÍRITO DA BABILÔNIA

3.1 Símbolo de oposição aos valores divinos.

A LIÇÃO DIZ: *Biblicamente, Babilônia é tanto um lugar geográfico, quanto a representação de um sistema reprovável diante de Deus e seus valores espirituais e morais (Ap 14.8, 17.1,2, 18.2,3). Ainda hoje, o espírito e a cultura da Babilônia permeiam a sociedade, simbolizando rebelião e ideologias mundanas que confrontam a verdade divina.*

A Babilônia foi uma importante cidade-estado situada na região da Mesopotâmia. Historicamente, surgiu por volta do século XIX a.C., sendo considerada como o berço da civilização nas áreas políticas e culturais, sociais e econômicas. Porém, quando o livro de Apocalipse cita essa cidade (e.g. Ap 17.5), não se refere ao local geográfico da Babilônia, mas, sim, ao simbolismo que ela representa.

Figuradamente, Babilônia representa devassidão, paganismo, sincretismo, violência e rebeldia aos mandamentos divinos. O espírito da Babilônia faz uso da cultura e da ideologia secularista para persistentemente oferecer resistência contra tudo o que se chama Deus (2 Ts 2.4).

Wiersbe foi muito preciso em seu comentário de Apocalipse 17. O “espírito da Babilônia” que atua neste mundo, vem constante influenciando as nações, instigando a cultura e a economia, bem como corrompendo a igreja, atacando-a de forma externa e interna. Qual é o objetivo e o resultado almejado pelo “espírito da Babilônia”? Uma sociedade degenerada e uma igreja morta, entregue a toda sorte de prostituição e adultério espiritual.

3.2 A relativização da verdade.

A LIÇÃO DIZ: *A principal característica da cultura da Babilônia, com todos os seus reflexos, e a destruição da noção de uma verdade absoluta.*

A relativização da verdade, também conhecida como relativismo, é uma corrente filosófica que questiona a existência de verdades absolutas e universais. Afirma que o que é verdadeiro para um indivíduo ou grupo pode não ser verdadeiro para outro, dependendo de suas crenças, valores e perspectivas. A relativização da verdade mina a base para a distinção entre o certo e o errado, levando ao relativismo moral.

No contexto da fé cristã, a relativização da verdade representa um desafio significativo, pois questiona os fundamentos da crença em um Deus absoluto e em verdades reveladas na Bíblia.

3.3 A religião que conduz à imortalidade.

A LIÇÃO DIZ: *As falsas religiões, ao perverterem a verdade, são capazes de destruir valores, conduzindo seus adeptos ou seguidores a um estilo de vida depravado. Atualmente, é possível perceber a volta do paganismo em novas roupagens, mais modernas e “descoladas”, ganhando espaço em filmes, séries, desenhos e jogos. É preciso cuidado com o conteúdo que você consome, pois as nuances desses falsos deuses antigos continuam presentes no mundo de hoje!*

Pontos que devemos considerar:

- Perigo das Falsas Religiões. As falsas religiões, ao deturparem a verdade divina, têm o poder de corromper os valores morais e éticos que são fundamentais para uma vida piedosa. Elas afastam as pessoas dos ensinamentos de Cristo, levando-as a adotar comportamentos e estilos de vida que são contrários aos princípios bíblicos.

- Ressurgimento do Paganismo. Atualmente, observamos o ressurgimento do paganismo sob formas modernas e atraentes, frequentemente veiculadas por meio da mídia popular, como filmes, séries, desenhos e jogos. Esses veículos de comunicação sutilmente introduzem ideias e práticas pagãs, mascarando-as como entretenimento inofensivo, mas que podem influenciar negativamente a fé e os valores cristãos.
- Vigilância e Discernimento. É imperativo que os cristãos sejam vigilantes e exerçam discernimento em relação ao conteúdo que consomem. Devemos estar atentos às mensagens subliminares que promovem antigos falsos deuses e práticas pagãs, reconhecendo que essas influências ainda estão presentes no mundo moderno. A nossa defesa contra essas influências está no firme fundamento da Palavra de Deus.

IV. VIVENDO E TESTEMUNHANDO NA BABILÔNIA

4.1 Uma cidade para se testemunhar.

A LIÇÃO DIZ: Por qual razão Daniel e seus amigos adotaram uma postura de serviço e responsabilidade dentro de uma cidade estrangeira? Porque eles viveram dentro da Babilônia, mas não deixaram a Babilônia viver dentro deles!

Compromisso com a identidade:

- Preservação cultural. Mantiveram seus costumes e tradições judaicas, mesmo sob pressão para se assimilar à cultura babilônica.
- Discernimento. Souberam discernir entre o que era compatível com sua fé e o que não era, recusando-se a participar de práticas que contrariavam suas crenças.
- Fidelidade. Sua fidelidade à sua fé e identidade os diferenciava dos demais, tornando-os exemplos de resistência cultural.

4.2 Testemunhando no mundo.

A LIÇÃO DIZ: Vivemos em um mundo caído, dominado pelo pecado. Ainda assim, somos chamados a ter uma presença santa, fiel e abençoadora. A igreja eleita do Senhor também está na Babilônia (1Pe 5.13), sem se deixar ser dominada por ela.

Assim como Daniel e seus amigos preservaram sua fé em meio à cultura babilônica, nós também enfrentamos o desafio de manter nossa fé no mundo atual, permeado por diversas correntes de pensamento e valores nem sempre compatíveis com nossa fé.

- Cultura em constante mudança. Vivemos em um mundo em constante mudança, onde valores e costumes são constantemente reavaliados e redefinidos. Diante disso, é fundamental desenvolvermos um senso crítico apurado para discernir o que está de acordo com nossa fé e o que não.
- Influências diversas. Somos bombardeados diariamente por informações e conteúdo de diferentes origens, o que pode gerar dúvidas e questionamentos sobre nossa fé. Todavia, temos a Palavra, temos a igreja e os nossos líderes para buscarmos orientação.
- Pressão para se conformar. Assim como Daniel e seus amigos enfrentavam a pressão para se assimilar à cultura babilônica, podemos sentir a tentação de ceder às pressões do mundo atual para nos encaixarmos em padrões que não condizem com nossa fé. Porém, para crente salvo em Jesus os valores da palavra de Deus são inegociáveis.

CONCLUSÃO

Manter a fé no mundo atual exige discernimento, resistência e a convicção de que nossos valores são preciosos e inegociáveis. Ao seguirmos o exemplo de Daniel e seus amigos, podemos fortalecer nossa fé e viver com autenticidade em um mundo dominado pelo Espírito da Babilônia.

ABRA JAULA – PB MURILO ALENCAR